

A campanha silenciosa de Alckmin

Luis Costa Pinto

Da equipe do **Correio**

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, guarda na gaveta de um criado-mudo uma relação com 3.010 nomes. Ao lado de cada nome, uma data. Na última coluna, vizinho a cada data, a referência de um cirurgião. A relação é a memória de todas as operações a que foi chamado a intervir como médico anestesista. “Lamento não ter anotado aquelas de que participei como médico-residente, antes de me formar”, diz o governador que administra um estado com 37 milhões de habitantes, 23% do eleitorado nacional e arrecadação programada de R\$ 42 bilhões para este ano. “Mas estão lá todos os pacientes que tive como profissional.”

Metódico, Geraldo Alckmin seria o último político a dizer abertamente que é candidato a um cargo para o qual não exista consenso sobre a viabilidade de seu nome. A presidência da República, por exemplo. Sem entrar em discussões estereis acerca da necessidade de fazer seu partido — o PSDB de Fernando Henrique Cardoso — lançar de imediato um candidato para as eleições de 2002, o governador paulista cumpre uma agenda traçada pelo pragmatismo.

As terças-feiras e aos sábados, ele deixa o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo no elegante bairro paulistano do Morumbi, e visita de três a cinco cidades do interior. Em média, ao fim de cada mês, quer ter passado por 40 municípios diferentes. Tem sempre a esperá-lo um palanque, uma platéia e um animador de cerimônias. “Isso não é campanha, é governo”, assegura. “O governante tem de sentir o pulso do povo nas ruas. O Fernando Henrique, em alguns momentos, parece ter perdido a capacidade de medir esta pulsação. Não quero isso.”

COLORIDO TUCANO

Na última terça-feira Alckmin levantou antes das 7h, tomou o café-da-manhã com a mulher, Maria Lúcia, e os três filhos — Geraldo Neto, Sofia e Thomás. Leu os jornais, reviu algumas anotações e às 8h45 deixou a ala residencial do Palácio dos Bandeirantes para apresentar-se a secretários de estado e ajudantes-de-ordens com os quais viajava para cumprir o roteiro do poder. Metido em calças bege, camisa azul-clara e pulôver azul-escuro, encarnava o colorido básico dos tucanos. Tasso Jereissati, governador do Ceará, e José Serra, ministro da Saúde, usam trajes de cores idênticas quando saem de palácios e esplanadas para fazer campanha nas ruas.

Alckmin caminha com naturalidade pelos labirintos do pa-

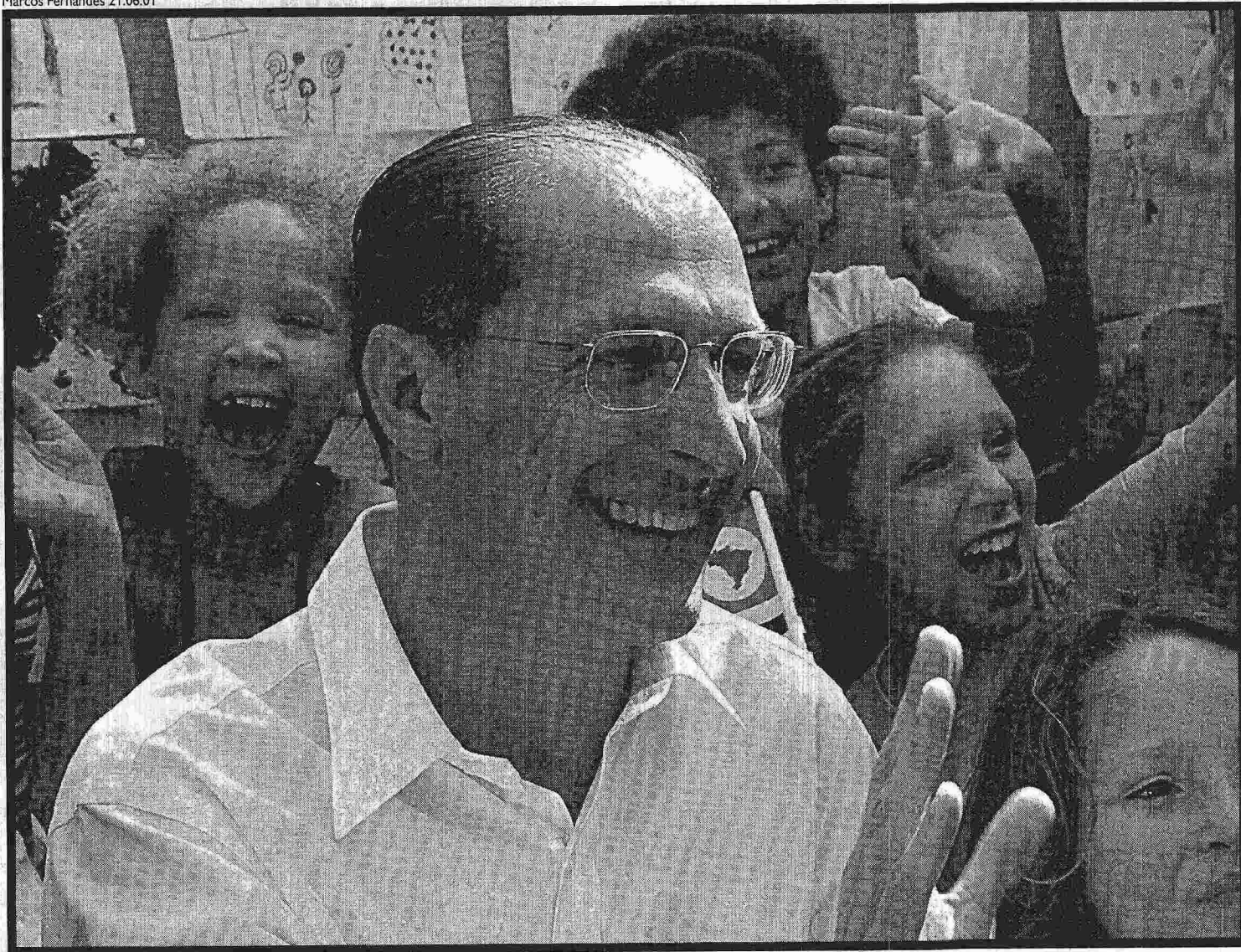
lácio que até março era o feudo de um rei absoluto, o governador Mário Covas, morto há quase quatro meses em razão de um câncer. Herdeiro de um secretariado que não escolheu, absorveu a todos e já é reconhecido como líder por eles. “O Mário se impunha pela força de sua experiência, por sua ascendência natural sobre todos nós”, diz Fernando Dal’Acqua, secretário da Fazenda. “O governador Geraldo é a expressão natural da continuidade porque aprendeu a cobrar como o antigo chefe — e sabe ouvir.”

CONSELHO

É fato: ele sabe ouvir. A maior qualidade de Geraldo Alckmin era, paradoxalmente, o maior defeito de seu grande preceptor político. Covas não escutava ninguém, comandava uma personalidade marcada pelas idéias próprias e soluções singulares. Há um mês, por exemplo, o governador paulista ouviu o conselho do colega cearense, Tasso Jereissati, e liberou o secretário de Ciência e Tecnologia, José Aníbal, para assumir a presidência nacional do PSDB. No comando do partido, Aníbal é uma cunha anti-Serra que pode flexionar a legenda a favor do nome de qualquer um dos dois governadores na hora da decisão pela candidatura presidencial. “Não penso em presidência. Minha missão é governar São Paulo e concluir a obra de Mário Covas”, diz Alckmin.

Quando é chamado a analisar mais delicadamente o cenário político, porém, o governador de São Paulo trai a certeza guardada silenciosamente no fundo da alma: ele pode ser uma solução eleitoral para o PSDB na sucessão de Fernando Henrique. “Não vou falar se sou ou não candidato a presidente. Veja bem: no dia 1º de outubro do ano passado eu achava que seria eleito prefeito de São Paulo, perdi o primeiro turno para Paulo Maluf por apenas sete mil votos e entrei na campanha com 2% das intenções de voto”, explica o governador. “Naquele dia, o Mário Covas achava que estava curado do câncer e era candidato preferencial à presidência, Antonio Carlos Magalhães presidia o Senado e era um homem forte da República, os brasileiros não mediam o tempo que deixavam as luzes acesas nem a duração dos banhos quentes e ninguém imaginava que o Domingo Cavallo pudesse voltar ao poder na Argentina e desvalorizar o peso. Isso foi há nove meses. Temos mais nove meses até a decisão sobre as candidaturas de 2002.” Quem trabalha com Alckmin acalenta o sonho de vê-lo em cima dos palanques presidenciais pregando ser uma espécie de candidato do “continuismo com ruptura”.

Marcos Fernandes 21.06.01



O TOM DISCRETO DE GERALDO ALCKMIN: “NÃO PENSO EM PRESIDÊNCIA. MINHA MISSÃO É GOVERNAR SÃO PAULO E CONCLUIR A OBRA DE MÁRIO COVAS”

Dona Lu, a sócia suave do poder

Valeria Gonçalves/AE



Maria Lúcia Alckmin é uma mulher elegante. Aos 49 anos, um ano mais velha que o marido, não recorre a doses exageradas de *pancake* nem a *tailleurs* de grife para marcar posição como a dona do pedaço na ala residencial do Palácio dos Bandeirantes. Além de pilotar a agenda dos filhos de 21 (Geraldinho), 19 (Sofia) e 18 (Thomás) anos, ela integra a direção de uma Organização Não-Governamental (ONG), o SOS Comunidade, e preside a Fundação Estadual de Solidariedade. É uma primeira-dama clássica, em tempo integral. “À noite, conto para o Geraldo as conversas que tive, falo das pessoas interessantes que conheci e relato o que aprendi”, diz Dona Lu, como é conhecida pelos subordinados e pelos secretários de governo. “Somos felizes assim.”

Dona Lu conheceu Geraldo Alckmin em Pindamonhangaba, cidade do interior de São Paulo, onde o governador começou a carreira política aos 19 anos elegendo-se vereador. Aos 23, ele era prefeito e médico-anestesista do posto de saúde local. “Oprei quatro irmãs dela”, diz o governador entre sorrisos. “Na cidadezinha de interior todo mundo queria ser paciente do prefeito.” Em 1983 a mulher de Alckmin assumiu a tarefa de organizar a mala direta e os contatos políticos do marido, eleito deputado estadual. Repetiu a função em Brasília, entre 1987 e 1994, durante os dois mandatos de deputado federal do governador. “Gosto disso. Fazia tudo sem remuneração.”

DEVOÇÃO RELIGIOSA

Católicos praticantes, devotos das missas dominicais e admiradores do padre carismático Marcelo Rossi, o governador e Dona Lu rezam juntos todos os dias. “Há muito o que agradecer na vida”, diz ela. Até a morte do pai, no ano passado, Geraldo Alckmin interrompia qualquer compromisso às 18h. Era um ato solene, cumprido com devoção religiosa. À hora da *Ave Maria*, o homem que hoje comanda o segundo maior orçamento público do país (só fica atrás do Orçamento Geral da União) pegava o telefone e encontrava o pai. “Sua bên-

“O GERALDO TEM TANTA COISA A FAZER ATÉ ESSE DEBATE (SUCESSÃO PRESIDENCIAL) SE TORNAR SÉRIO, QUE É BOM TRATAR DE CONTINUAR GOVERNANDO DIREITO O ESTADO”

MARIA LÚCIA ALCKMIN

Primeira-dama de São Paulo

ção. Como foi o dia?” A partir daí, entabulavam um diálogo rotineiro de dez minutos.

Hoje as conversas não são mais nem com o pai nem às 18h, mas seguem um compromisso religioso. “Todos os dias, pode ser de madrugada, paramos e avaliamos juntos o que fez cada um. Muitas vezes, nossos filhos participam das conversas e narram suas experiências”, conta a primeira-dama paulista. Dona Lu diz inspirar-se em Lila, viúva de Mário Covas. Aos 70 anos, Dona Lila é vista pela sucessora como “uma segunda mãe”. As duas se consul-

tam mutuamente e, muitas vezes, uma representa a outra em compromissos oficiais a que estariam presentes simultaneamente.

É fina a sintonia entre os discursos de Maria Lúcia e Geraldo Alckmin sobre a eventual candidatura presidencial do governador de São Paulo. “Isso não está posto”, crê Dona Lu. “O Geraldo tem tanta coisa a fazer até esse debate se tornar sério, que é bom tratar de continuar governando direito o estado. Ninguém pode prever o futuro. De repente, é essa obra dele que determinará tudo daqui para a frente.” (LCP)

PERFIL

A herança de Covas

Todos os meses, o governador de São Paulo autoriza seu secretário da Fazenda a empenhar R\$ 237 milhões do Tesouro estadual para a pagar ao governo federal. É o custo mensal do serviço da dívida paulista. A despeito de tamanha dinheirama, Geraldo Alckmin tem folga de caixa para tocar obras. Só este ano, disporá de R\$ 3 bilhões para investir — desse total, R\$ 350 milhões serão destinados a programas sociais como distribuição de leite e frentes de trabalho que reduzam o impacto do desemprego. “Este foi o legado que recebi do Mário Covas, um dos mais brilhantes administradores públicos que conheci”, homenageia Alckmin, que se diz discípulo direto de outro ex-governador do estado: Franco Montoro.

Dentre todos os pré-candidatos (lançados ou não, formais ou informais) à presidência da República em 2002, Alckmin é aquele que dispõe de maior folga financeira. Isso fará diferença nos nove meses que se seguirão até o fim do prazo fatal para desincompatibilizações e ajustes partidários. Na última terça-feira, o governador inaugurou obras e distribuiu promessas em Santos, São Vicente e Intanháem, cidades do litoral de São Paulo. Grato pelo legado que recebeu do antecessor, falou dos valores de Covas em todos os palanques que subiu. Em seguida, invariavelmente, apresentava à platéia Renata Covas, filha do governador morto. A apresentação era discreta, sem alarde, mas tem um objetivo futuro: Renata será candidata a deputada estadual no próximo ano. “Políticos não podem estar solitários. Eles formam um sistema”, ensina Alckmin. A lição era de Mário Covas.